

SEMINÁRIO

FDRP - USP
DFB2003 - Sociologia do Direito
Prof. Marcio Henrique Pereira
Seminário

debates
debates
debates

sociologia

martin buber
SOBRE
COMUNIDADE



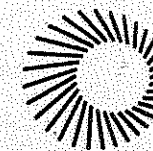
EDITORA PERSPECTIVA

Coleção Debates
Dirigida por J. Guinsburg

martin buber
SOBRE
COMUNIDADE

Seleção e Introdução de Marcelo Dascal
e Oscar Zimmermann

Equipe de realização — Tradução: Newton Aquiles von Zuben;
Seleção e Introdução: Marcelo Dascal com a colaboração de
Oscar Zimmermann; Revisão de texto: Marcelo Dascal; Produção:
Plínio Martins Filho.



EDITORA PERSPECTIVA

6. INDIVÍDUO E PESSOA — MASSA E COMUNIDADE *

Há alguns meses experimentei algo extraordinário. Fui convidado por alguém, vinculado a um Instituto, a observar sob o microscópio um fenômeno singular. Tratava-se de uma partícula do coração de um animal, ou mais precisamente, parte do coração de um embrião de galinha com cinco dias de idade. Podem os senhores imaginar um embrião de cinco dias, um organismo morto, a minúscula partícula de uma parte de um organismo imaturo. Ao microscópio podia-se observar que esta particulazinha se movia. Movimento claro, embora irregular, movimento palpitante, interrompido, mas que logo em seguida voltava a palpitar com maior intensidade. Ele não correspondia ao movimento rítmico do coração que pode ser representado, ao menos no caso de um coração sadio, por um gráfico mais ou menos regular. O movimento observado, ao contrário, era irregular, dificilmente predi-

* Conferência de 24 de janeiro de 1931.

zível; poderia mesmo causar admiração; existia um ritmo sem qualquer regularidade, impossível de se prever.

Para mim, foi uma das mais admiráveis experiências que já tive. Através dela algo se tornou bem claro para mim, a saber, que esta partícula de coração, extraída desta parte de um organismo que chamam coração, deste indivíduo parcial, extraída da escultura orgânica deste órgão, recuperou com isso, por assim dizer, uma individualidade. Imaginem que o coração tem um ritmo quase regular. Esta pequena partícula de coração não, mas apresentou algo irregular: um movimento. Se eu devo transpor para o plano humano, pode parecer cômico, mas não se deve rir. Esta pequena partícula de coração adquiriu, por assim dizer, uma biografia, como uma pessoa. Ela se tornou um indivíduo com uma história de vida. Ou então, ao se separar do coração este conjunto de células, ao se desligar o conjunto de células de um conjunto maior, foi criado um indivíduo com vida, com uma história deste pedaço inerte (morto) de uma substância orgânica. Este elemento do órgão, exercendo uma determinada função no organismo geral, adquiriu uma liberdade sem função, sem lei, a liberdade do indivíduo, uma liberdade que um indivíduo possuía, se pudermos imaginar em nossa fantasia... antes que ele formasse uma comunidade.

Não sei se, com estas referências fatuais, pude expressar-lhes, de algum modo, um pouco da emoção que senti através do processo do microscópio.

Compreendi, então, que sentido tem para um indivíduo, ser separado, por força de uma catástrofe, de um todo social, de uma sociedade com evidente valor para nós, de um Estado, de uma nação, ou, vale dizer, que sentido tem para uma multidão de indivíduos decompor-se em seus elementos constitutivos após uma catástrofe. E agora no caso do indivíduo em particular. Do estado de vínculo de evidente legalidade passa para a sua liberdade e isolamento individuais, experimentando grande angústia; procura agora o caminho, alguma via para o vínculo, para a comunidade, para o "não-abandonar-se-mais". Esta é, de certo modo, a história espiritual do homem da época do pós-guerra. A história de um homem que foi excluído de um contexto social que lhe era

familiar, evidente, quase tão evidente como um organismo ao qual uma individualidade, denominada órgão, está vinculada, e agora, sobrevém a dúvida de tal existência em descobrir o caminho certo sem voltar-se para trás, mas de algum modo a atingi-lo.

O futuro deste homem de quem falamos está nesta procura. Esta busca é o início da problemática especial das relações entre pessoa e massa que hoje vivenciamos. Tal relação tem um valor especial, mas atualmente está vinculada a uma singular confusão de conceitos. É compreensível que tal confusão conceitual seja parte, por assim dizer, de um processo catastrófico. O que quero dizer hoje é tão-somente uma pequena contribuição para o esclarecimento dos conceitos em pauta. Embora não se possa eliminar a confusão, é possível tentar cada vez mais atingir maior clareza a esse respeito.

A primeira questão é atualmente um tanto supérflua, mas a mim me parece ainda inevitável; que vem a ser, em última análise, um indivíduo? Trata-se o indivíduo de hoje, como se fora algo facilmente acomodável, adaptável, no contexto, digamos, da causalidade científica. Creio que não se trata disso. Na minha opinião a unicidade do indivíduo, seu caráter singular que, na verdade, é incomparável, não pode ser deduzida por nenhum método científico. Podemos considerar, por exemplo, uma pessoa, um ser. Tomemos o caso de um homem, ou melhor, ou uma criança. Imaginem os senhores que consigamos fazer isso e descrever, uma após outra, todas as qualidades corporais e espirituais, de modo a obter, finalmente, uma soma de qualidades, ou um inventário deste indivíduo. Nosso método seria tão completo que poderíamos escrever, para todas essas qualidades, toda a história de sua origem, e deste modo, apresentar todo o esquema de desenvolvimento. Quando tivermos escrito tudo isso, todo o inventário deste indivíduo, não teremos compreendido nada desta unicidade, da singularidade desta feição do rosto, deste sistema de movimentos, desta voz. Tendo compilado tudo isso, não poderíamos dizer simplesmente nada sobre o segredo deste determinado ser que vive aqui conosco, neste lugar da terra, entre este e aquele momento do tempo. Este segredo permaneceria intato ao nosso procedimento. Este indivíduo é a própria incompreensibilidade, essa re-

sistência ao conhecimento da existência, da unidade de cada um de nós, esta resistência do ser. Afirmo que é isso que o indivíduo expressa. Este segredo encerra uma misteriosa tarefa que não é definida nem pelo próprio indivíduo em solilóquio...

Parece-me que é a partir deste singular ponto de partida que se coloca a questão. Por esta razão é, sem dúvida, tolice falar de individualismo, a que, por assim dizer, se aspira ou que se exige. O individualismo não é um fato; é algo do espírito, da fantasia, não é um fato da existência. Não tem sentido reclamar a existência do individualismo. Diria mesmo que o individualismo como todos os "ismos", é uma teoria inadequada, desnecessária e até absurda, que não pode ser superada por qualquer aspiração. Por exemplo, o "ismo" em personalismo. Que quer dizer? Significa que o importante não é o indivíduo, mas a pessoa, ou a personalidade. Obviamente, isso é diferente do individualismo. No entanto, não é fácil compreender-se o que seja a personalidade. É aquilo que diferencia a pessoa humana de um indivíduo humano. Parece-me que a diferença essencial, quando se acrescenta a personalidade ao indivíduo é a seguinte: a pessoa * estabelece uma relação autêntica, real e total com o mundo e com os outros. Não se trata, pois, de algo como o desenvolvimento ou a evolução de um individualismo, mas antes, do fato de que este indivíduo vive realmente com o mundo onde ele está situado, com os seres com os quais ele pode estabelecer relações imediatas. Trata-se, além disso, desta vida no mundo e com o mundo, situada nesta estrutura primordialmente dada. No entanto, não é deste modo que esta vida experiencia toda sorte de coisas, como se diz, e que enriquece sua alma, não é deste modo que ela experiencia a imaginação, as sensações, os sentimentos... e outras coisas...

Ao contrário, a personalidade se realiza na relação com os outros. Em outros termos, ela não é aquilo que, por assim dizer, jorra para fora do indivíduo. Personalidade é, propriamente, se posso expressar de modo para-

* Para a noção de pessoa, ver *Eu e Tu*, pp. 73 e ss. São Paulo, Edição Cortez & Moraes, 1978, elaborada por mim (N. do T).

doxal, aquilo que existe entre este ser e o mundo e se relaciona com este indivíduo. Assim, a vida, se estiver relacionada com a existência deste indivíduo, conduz esta pessoa à relação entre este indivíduo e a existência do mundo. Com isso, já disse que a personalidade jamais poderá ser um fim.

A personalidade jamais pode ser formada como algo desejado, pois é exatamente o espontâneo, a imediaticidade, a autenticidade profunda, o não-intencionado, o não-preparado, o inacabado da vida com os seres com o mundo que conduz à personalidade. E isso não pode ser controlado. Toda personalidade que procura um fim é uma personalidade fictícia. Só é real aquilo que cresceu e experimentou a si mesmo. Assim a relação do mundo com o "si-próprio" é parte da personalidade, como também a inefabilidade da relação entre dois seres: aquele que me experimenta como eu o experimento, através do qual experimento-me como limitado. Limitado, realmente limitado, como minha mão é limitada por esta madeira que toca e ao mesmo tempo a completa, não só no amor mas também no ódio. Digo este... mundo e tu, é isso que constrói a personalidade. Ela pode ser compreendida a partir deste aspecto e nunca a partir de si própria.

A personalidade só pode ser compreendida a partir desta perspectiva, e nunca a partir de si própria. Portanto, somente a partir da arbitrariedade do ser que define sua situação no mundo pela relação com outros seres, será determinado o ser que responde, de acordo com a vida, a tudo aquilo que ela faz surgir do mundo e de todos os seres.

É por esta razão que o individualismo e, por outro lado, bem como o chamado coletivismo, é algo questionável. Não se pode construir um "ismo" e partir de um fato fundamental como... e, mais, é impossível construir um "ismo" a partir deste imenso "estar-inserido-no-todo" no seio do qual a todos os seres humanos encontram-se mutuamente; não é possível elaborar um "ismo" e declarar que não é o indivíduo que importa, mas a coletividade. Se se trata de coletividade — à qual me referi — com a qual somos conduzidos juntos pela vida, então não é necessário que seja expresso com um "ismo". Além

disso, se quisermos, de algum modo, fazer justiça a ambos — indivíduo e coletividade — à realidade que é significada com isso, então devemos considerá-la em sua total facticidade. Devemos investigar em que grau existem realmente indivíduos até as profundezas do segredo da pessoa humana, e em que grau existe realmente coletividade, até o extremo limite do infinito onde nossa verificação não pode mais atingir.

Talvez possa esclarecer melhor, através de exemplos, aquilo que quero dizer. Quão duvidoso é o coletivo a que me refiro? Quão crítico é saltar por sobre a seriedade da facticidade e do indivíduo situado neste mundo... de círculos de coletividade, quão arriscado é saltar sobre isso para esta fugacidade e inadequação desta visão de mundo, como neste "ismo"? Quero dar alguns exemplos. Um exemplo comum é a Nação. Antes de tudo, Nação é certamente um outro tipo de consideração, uma outra coletivização. Nação é o povo visto na sua separação de outros povos. Penso que o conceito de nação tem seu sentido no fato de existirem outros povos dos quais um povo em particular se distingue, com relação aos quais ele se afirma. Enquanto isso acontece na evidência dos processos orgânicos históricos, não se transgride a existência da nação enquanto tal. Por outro lado, se um povo vigoroso e forte vive ao lado de outros povos e se afirma de modo natural e histórico ao lado deles e em relação a eles, então podemos falar de uma nação. Porém parece-me que não podemos falar de consciência nacional. Seria o mesmo se cada um de nós se ocupasse com o fato de possuir olhos. Não temos disso, no entanto, uma subconsciência. Quando nossos olhos estão doentes, tornamo-nos conscientes deles, somente então experimentamos que temos consciência da visão.

Quando algo não está em ordem nesta vida nacional, a consciência nacional é um sintoma da doença. E quando a doença se propaga e procuramos restabelecer, de algum modo, a condição normal, sabemos que acontece aquele peculiar fenômeno que se chama nação. A coletividade se torna questionável quando, em vez de se viver nela, de ser responsável por esta vida, por esta vida com a comunidade, em vez de lhe fazer justiça, ela se torna um "ismo", uma visão de mundo ou um programa

político. Quando falamos de povo, queremos dizer com isso a singular vida desta totalidade: sua língua, sua vida, costumes, a vida de suas próprias ordens não em relação com outros povos, mas em si mesmo. O conceito de povo é incomparável pelo fato de ele, devo dizer, basear-se em si mesmo, e não deixar tornar-se uma visão de mundo. Ele não se presta a isso. O conceito de povo é algo que existe em si e que não aspira transcender a si mesmo. Somente assim existe povo. Sem dúvida, vivemos numa época, os últimos séculos, na qual povo, neste sentido de autocorrelação, é como as pessoas. Um grupo é algo natural que vive no mundo e com o mundo e experiencia esta vida em relação a si mesmo. Vivemos na época da queda do povo. Devo dizer isso e constatar sem melancolia romântica. É um fato histórico que o povo, há séculos, se vem degradando paulatinamente, que partes cada vez maiores caem no casual. E nesta queda, se considerarmos uma terra como a Alemanha, poder-se-ia quase procurar apontar, no mapa, onde, na Alemanha, ainda existe povo. Sem romantismo, pode-se indicar estatisticamente se existe ainda um povo. Creio que seria certamente muito revelador. Povo é comunidade. Comunidade natural, vale dizer, a vida comum dos homens, vida que é mais antiga que os próprios homens.

E, agora, massa não é certamente isso; não é uma estrutura. Massa é especificamente uma necessidade, uma multiplicidade de homens; não se deve entendê-la afirmando-se "é isso ou aquilo", mas antes por proposições do tipo "não é isso, não é aquilo". A massa é algo que não é. Cada massa existe nesta indagação, nessa insatisfação, neste "ainda-não-ser", neste outro, neste desejo de algo mais, nesta necessidade. A massa aspira por algo que está em devir; massa não é algo permanente, massa é algo carente. A vida da massa está no movimento desta carência, na expressão desta carência, na emergência desta necessidade. A massa é realmente aquilo que denominamos massa atual. Podemos, também, falar em massas secretas, mas que sempre estão voltadas para esta e que devem ser compreendidas e definidas a partir destas manifestações. Ela quer proclamar, ela quer mudar e vir a ser. A massa consiste na multiplicidade de homens, na necessidade de vida e de desenvolvimento cuja emergên-

cia é enraizada e irreal. Em outros termos, a forma original do povo desfaz a necessidade dessa queda, dessa decomposição em algo sem forma, mas que, no entanto, deve ser recomposto em algo terrível, mas que aspira à salvação, isso é a massa.

Desta forma, massa não é algo, como hoje se pretende aceitar, como um componente histórico permanente; é, antes, uma transição, uma transição que, pela vontade do homem, é intransponível em sua existência, transição da comunidade, que chamamos povo. Sentimos que não se trata de uma escultura, uma forma, uma vida autônoma, mas uma passagem através desta porta escura, através da qual a história deve passar, sem saber para onde; estamos no meio disso.

Porém, nós não temos simplesmente o fenômeno das massas enquanto tal, mas temos o fenômeno das massas organizadas. Isso é algo peculiar. Na realidade, as massas vivem realmente no momento em que elas se revelam, quando toda insatisfação concentrada encontra uma expressão consentida. Toda massa é, em última análise, em sua essência, revolucionária. Esta massa, no momento da expressão, é a massa sustentada por fatores organizadores. Massa organizada significa aquela massa que pode ser sustentada permanentemente no estado de expressão, no estado de autoconsciência interna. Pensem os senhores no que disse do Nacional-Socialismo. Do mesmo modo, há aqui uma determinada consciência de massa que é cultivada, estimulada e organizada. Deseja-se fazer desta atualidade da massa uma instituição permanente e, de certo modo, chega-se a isso.

Qual é a relação do indivíduo com a massa? Qual a relação da personalidade com a massa; do homem especial e único em sua condição, na sua condição real, por exemplo, no momento de uma tensão quando é incapaz de se expressar, quando está tomado de carga emocional?

Que acontece? Ele será engolfado pela massa e será por ela conduzido não como personalidade, mas como indivíduo. Porém, não é igualmente fácil dizer o que acontece com a pessoa que se aproxima da massa, isto é, uma pessoa que vincula e associa seus negócios e inte-

resses com os interesses da massa. Se é a personalidade no sentido a que me referi, então sua relação não é tão simples. De fato é uma contradição. É um assunto bem conflitante. De um lado, há o "ser-suportado", de outro, a contradição multifacetada proveniente do ser total, da massa contra a legitimidade dessa vida pessoal. As vezes se ironizou sobre o que acontece à pessoa que aderiu à massa. Este compromisso pelo qual a personalidade é ameaçada pela massa, este tornar-se aceito na apatia da massa, significa que o homem que estabelece relação com a massa, foi arrebatado pela imensa necessidade de vida e de transformação, que encontra sua expressão na massa, mas que em sua existência pessoal, relacionou o mundo e o Tu consigo mesmo. Este compromisso se tornou novamente questionável. Segue-se daí que a pessoa tem uma responsabilidade peculiar diante da massa. Creio que o homem como pessoa, numa época em que aquele produto de decomposição se tornou tão grande, não deve afastar-se dela. Se este homem renuncia a esta individualidade e se apresenta diante da massa, ele só pode fazer isso na medida em que se entrega a ela sem, no entanto, render-se a ela, na medida em que a ajuda, a defende e ao mesmo tempo a domina. Em outros termos, aquela condição na época anterior à guerra, do homem pessoal, quando acreditava poder existir com a massa, já não existe e não pode mais ser recuperada. A guerra e a história do período da guerra agiram como a manifestação da impossibilidade dessa existência da personalidade ao lado da massa. Esta questionabilidade, ou devo dizer, a depreciação do homem isolado numa época em que existe algo como esta massa apática e sofredora, já foi descoberta e não há mais retorno. A questão desta descoberta é essa: e agora? Os senhores sabem que, após a guerra, houve uma situação que, como mencionei no início, relembra de certo modo uma parte despreendida de um organismo, a saber, homens que são desvinculados daqueles contextos da existência do povo ou da existência da nação, nos quais eles acreditavam e de cuja realidade não se deve duvidar. Se os senhores indagam "como eles formaram uma totalidade?" a primeira resposta é aquela dada pela primeira geração após a guerra: eles tentaram fundar comunidades. Tentaram, pois foi mostrado que não existe

um vínculo entre todos. O isolamento fundamental da pessoa ficou evidenciado. Eles esforçaram-se por estabelecer comunidades, encontros, colônias de toda espécie. Na verdade, comunidades orgânicas, vinculações vividas, autênticas, de homens não podiam ser estabelecidas. Todos conhecem o naufrágio destes empreendedores românticos. E, agora, surge a nova geração que hoje vemos tão claramente. Esta é a geração que projeta esta procura, todo este romantismo à parte, e que aceita a massa como a totalidade real. A massa amorfa, a necessidade de transformação na liberdade informe, é esta a massa que ela aceita. Em outras palavras, podemos imaginar que uma partícula do coração, que não retorna nem ao coração nem ao organismo, procura transformar-se em um elemento constitutivo do todo humano a fim de, aí, aderir novamente à totalidade. A massa é uma máquina de grande tensão, de intensa energia, mas não é um organismo. É duvidoso que haja algo de grandioso neste empreendimento desta geração, apesar de muitos sacrifícios, quando se observa no que se transformaram estes homens. Pode-se ver como se transformaram; observa-se que perderam duas coisas, coisas que a personalidade constrói, a saber: o mundo, o Tu e, de certo modo, a si mesmos. Quero dizer que estes homens têm esta dedicação para com a massa mas não estabelecem mais relações com o mundo. Não creio que algum destes homens realmente perceba o que isso é para o mundo, esta infinidade na qual se está inserido neste pequeno lugar, neste pequeno contexto, não creio que se possa realmente experimentar, tornar-se unido com isso, mesmo nas mais longínquas estrelas, com os olhos que encontram esta luz, com o poder da imaginação que procura compreender este corpo mundano como realidade na indescritível interação ao cósmico. Creio que o homem que se rendeu às massas perdeu tudo isso.

A outra realidade é o Tu. Em todas essas admiráveis e dignas devoções, é sempre raro encontrar o simples relacionamento da vida em comum com um homem com o qual se está ligado no trabalho, nos negócios, no sindicato, na agremiação, no partido. É raro encontrar o simples intercâmbio entre um ser e outro, mesmo onde há relações pessoais, como as de amizade, relações entre os sexos. Acontece aí, como se diz, uma peculiar objetiva-

ção que, na realidade, é alienação. Não se pode negar que tanto o mundo quanto o Tu estavam presentes na fase da disposição para a comunidade. A nova geração renunciou a isso decisivamente. Já indiquei que é somente em conexão com o mundo e com o Tu que o "si-mesmo" se desenvolverá e se relacionará com ambos. Da perspectiva da massa, se eu dissesse isso a algum dos homens dos quais falei aqui, ele não me contestaria. A vida privada não conta mais. Trata-se de promover os interesses da massa à qual me dediquei. Nós renunciamos a este luxo de desfrutar da vida privada. Trata-se agora das penosas lutas da massa, da promoção das exigências mais primitivas desta ou até da salvação das massas. Todo este acerto de contas não tem mais valor algum. Deve-se perguntar sobre a responsabilidade vital da pessoa diante das massas, às quais ela se devota desta maneira. Quando se pergunta a tal homem: você exige isso e aquilo das massas, quer ajudá-las a atingir tal objetivo, que é que acontece com a realização de tudo isso no âmbito da vida pessoal? Ele responde: não temos tempo para isso. Não podemos nos ocupar com a construção de um oásis de socialismo na sociedade capitalista. Temos de assumir a sociedade capitalista tal como é, ou seja, este arranjo provisório deve ser assumido como tal. Isso é fundamentalmente falso... Em termos de história mundial isso não é possível. É como se um homem pudesse trabalhar por um ideal e viver diferentemente, de modo fundamentalmente diferente, independente desta finalidade em sua vida pessoal. Não me refiro ao destino pessoal do indivíduo... Ao contrário, entendo que, deste modo, quando homens pretendem procurar alguma coisa, e tentam promovê-lo sem realizá-lo ou sem realizar aquilo que é possível, segundo suas forças, em suas situações, então esta promoção é ilusória. Não é possível dividir entre o ideal que está aí para o qual alguém se dirige esperançosamente e a realização que ocorrerá. Não se trata também de se poder confiar na forma futura e dizer: "eu me sacrifico agora, eu abandono esta minha vida para servir àquele futuro". Do mesmo modo é falso crer que após uma revolução ocorre imensa fertilidade de valores e que a humanidade revolucionária produz tudo de si mesma; é igualmente falso assumir a teoria moderna segundo a

qual uma ordem provisória que for instalada estará de algum modo propensa a desaparecer ou possa estar inclinada a desaparecer. Esta fertilidade não existe, como também não existe esta extinção de um Estado centralizador de poder. Existe somente a vida real dos homens, a vida pessoal. Construa aqui e agora o que deve ser construído e se não se construir agora, através da vida dos homens, então nenhuma construção será correta, não haverá nada. Portanto, esta imagem que os homens têm de uma construção futura ora em ação, esta imagem que age sobre a matéria de suas próprias vidas em seus vínculos de vida, isto é o pressuposto para que haja uma construção. Esboço de uma futura construção social existe somente na forma da vida pessoal recíproca entre os homens. Se não houver tal esboço não haverá tal construção em país algum. A outra responsabilidade da pessoa é a responsabilidade para com o Universo. Não se trata de a pessoa observar sua posição em relação à massa como uma realização daquilo que a massa deseja. Responsabilidade significa resposta autêntica àquilo que se apresenta a alguém a partir da imensa necessidade de vida e transformação da massa. Resposta não significa eco; ao contrário, quer dizer que esta personalidade, tal como é, vinculou o mundo e o Tu com o si-mesmo; que ela realmente responde a uma necessidade, e, responder realmente a uma necessidade significa não procurar simplesmente silenciá-la. Imagine que um dos senhores se defronte com uma necessidade pessoal; certamente o primeiro impulso seria aboli-la. Mas, então, surgiria a difícil questão, a saber: se isso realmente auxiliou este homem, se não há na existência de um homem uma necessidade que seja mais profunda que esta que ele conhece; não devo eu conhecê-lo, reconhecê-lo de modo a suprimir a necessidade a respeito da qual ele nada sabe? Não deveria eu, em vez de me contentar com sua consciência, reconhecer a necessidade de sua existência e tentar remediá-la? É direito para com a massa parar aí. Existe uma ausência de necessidade da massa quando, por exemplo, — aliás, o que é diretamente mais compreensível do que isso? — ela exige tempo mais curto de trabalho. Porém, quando os homens realmente respondem à massa, e não à maneira de eco, então estas pessoas devem perguntar em que consiste, em última aná-

lise, a necessidade existencial da massa. Consiste, por acaso, no fato de se trabalhar 10, 9, 8 ou 7 horas, ou no fato de a vida ser separada em duas partes? Isso significa responder realmente à necessidade da massa, à necessidade de vida de transformação? É resposta satisfatória o fato de que lutar por um dia de 8 horas significa ter feito bastante? Isto não basta. Creio que um grande mal não pode ser superado pela diminuição do tempo, que um dia de trabalho de 7 horas não encerra em si, menos vida do que um dia de 8 horas. É esta a necessidade do homem, necessidade existencial da criatura humana que não deve tolerar que a vida seja dilacerada em um tempo de trabalho tão racionalizado, de modo tão desumano. Afirmo que a responsabilidade para com a massa significa eliminação da necessidade, vale dizer, responsabilidade não só daquilo que estas pessoas precisam ou acreditam necessitar, mas, ao contrário, para com a sua existência natural e daí para com as tarefas sociais, técnicas e recorrentes; a racionalização deve começar pela existência humana. E, para terminar, devo avançar mais um passo. A massa é, em sua essência... algo flexível. Ela não é comunidade, porém o fato de o homem encarar a massa com devoção não deve ser entendido como desgraça. Deve-se, simplesmente, tomar conhecimento. Em toda parte ela tem que ver com os homens; se os leva a sério, se estabelece relações diretas com eles, então a cada momento, a cada hora, cada dia, cada vez mais, a comunidade se torna possível, surgirá a comunidade no seio desta existência da massa informe. Algo se prepara; não significa, porém, que a massa seja substituída como que por milagre. A comunidade só será construída a partir da comunidade de pequenas comunidades; e isso é tão importante hoje que, por exemplo, o casamento, embora atravessasse grande crise, é preservado como forma de comunidade e sai do abismo desta crise; do mesmo modo é importante que se formem nas massas organizadas, autênticas comunidades, autêntica camaradagem, autêntica vida em comum. O homem como pessoa que se dedica à massa pode construir com isso mais intensamente do que qualquer um que simplesmente se engolfe na massa. Tal é a diferença entre a falsa e a verdadeira dedicação. Em épocas passadas houve a assim denominada independên-

cia das massas. Existe uma nova e autêntica independência. Viver e resistir, viver e opor-se é, ao mesmo, insinuar uma solução para o grande problema da relação. Não existe mais a chamada relação com a personalidade, e se ocorre ainda algo semelhante, isso não passa de aparência. Um dia surgirá uma auto-ilusão concernente à realidade na qual se está inserido. Não pode haver relação, pois a personalidade não é um fim. Não se pode construir uma personalidade a partir de si mesmo e nem a partir de outros. E também a educação que, como às vezes se ouve atualmente proclamar, faz parte da massa, não tem sentido; é absurdo fazer dela algo orgânico, um componente de uma unidade de tempo tensa mas espiritual... Isto não é um componente da massa, mas um membro vivo da comunidade que na massa e através dela, através da organização, da formação da massa, pode vir a ser um membro da comunidade. Portanto, não significa que se possa escolher entre a massa e o segredo ao qual a pessoa humana viva resiste, mas que se entregue às massas justamente com toda a natureza contraditória pelo fato de as acompanhar. Então o homem pessoal irá aprender, talvez possamos esperar que o homem do dia de amanhã olhe o firmamento e veja a facticidade com fatos inexoráveis e implacáveis e perceba a facticidade em volta de si. Ele penetra neste espantoso e enorme contexto e avança passo a passo em direção das relações imediatas com os homens que encontra. Ele assume o dever da hora, o terrível dever da hora e serve ao mistério que ele primeiramente... em sua singularidade, em sua singularidade pessoal e que, em última análise, está unido ao fim que tem em mente e do qual ele procura aproximar-se com estes passos lentos.

7. INDIVIDUALISMO E COLETIVISMO *

Senhoras e Senhores. Minha intenção, ao iniciar esta palestra, não é outra senão torná-la possível; em outras palavras, não quero fazer-lhes um discurso, mas somente indicar alguns pontos que, na minha opinião, importa discutir.

Hans Trüb disse, com razão, em todas estas lembranças amigáveis a que se referiu, que eu me desliguei da Europa, vale dizer, do Ocidente, por vários anos — mais precisamente, por oito anos, ou então, nove não contando uma curta visita à Europa na maior parte entre 1939-45. Assim, aquele diálogo que aqui mantive, que me era familiar e sempre estimulante e no qual concentrava o sentido da minha permanência no Ocidente, cessou. Embora eu seja imensamente grato à Palestina e especialmente ao Oriente Médio, nada substituiu este diálogo tal como era. Estou propenso a aceitar que, na realidade, é aqui que acontece

* Palestra proferida em 7 de julho de 1947.

meu diálogo com o homem ocidental, que tem aqui seu lugar, com toda a grandeza e tragédia inerente ao viver neste lugar.

Esta viagem que empreendi à Europa, após aquela interrupção, me é particularmente significativa. Mal posso esclarecer o que desejo tratar com os senhores, sem antes mencionar algo bem pessoal. Tinha a intenção — e isso era algo evidente a cujo respeito eu poderia falar também na Palestina, pois era uma intenção que seria possível propor-se a pretender realizar — eu tinha a intenção de ver a Europa tal como ela é, no momento, e os senhores não me levarão a mal, se eu disser que não era a Suíça ou a Suécia que desejaria ver em primeiro lugar — países que já vi; aliás, tais encontros me foram muito significativos. Mas, ao dizer “Europa” refiro-me, antes de tudo, à Europa atingida, mudada por esta ofensa, por este ataque. Sem dúvida há algo aqui e na Suécia, mas o principal eu realmente vi nos lugares onde havia verdadeira aniquilação de coisas e de pessoas. Eu desejava observar e experimentar esta Europa mudada, e isso eu fiz. Raramente, talvez nunca em minha vida, a mera observação de fenômenos, de coisas, de homens, de contextos teve tamanho impacto sobre mim, como este, e provocou tal mudança substancial em meu coração. Mas além disso, afora esta intenção que se realizou nestes três meses — por certo de modo totalmente diverso daquele que eu havia imaginado, pois não poderia fazer esta imagem através dos livros, notícias de jornal e informações orais — eu tinha outra intenção da qual temia falar lá e sobre a qual desejo falar hoje. Esta noite, quando toda esta série oficial de conferências, finalidade desta viagem, já se encerrou, desejaria, ou melhor, não desejaria, esperava que me fosse possível, talvez, retomar o diálogo com o homem ocidental, diálogo que foi, então, interrompido, ou melhor, rompido. Digo “com o homem ocidental”, pois não quero considerar-me ligado nem ao Oriente, nem ao Ocidente, a nenhum dos dois; melhor falando, tenho laços íntimos com ambos e quero preservar esta intimidade até o fim. Desejaria retomar este diálogo interrompido com o homem ocidental, mas algo assim não depende da própria vontade. Alguém pode propor-se ver, perceber e reconhecer algo; iniciar, retomar um diálogo não se pode pretender... Eu não sabia se o

homem europeu, que experimentou tudo o que lhe aconteceu, foi capaz, é capaz deste diálogo realmente livre, sem reservas, direto. Notei, nesta viagem, para minha mais agradável surpresa, que tal disposição para o diálogo — experimentei-o de modo mais intenso nos países atingidos — não está simplesmente presente, mas que se formou uma nova abertura do homem, abertura que antes não existia em tal proporção, abertura para ouvir, para receber, abertura também no sentido de um auto-envolvimento, ou de certa recusa em se auto-reprimir. Esta foi uma grande experiência. Tive-a em todos os países pelos quais passei (a Suíça foi o sexto país). Porém, de modo mais vivido e especialmente numa atmosfera calorosa, cordial e afetuosa, na Holanda. E indo mais longe e mais profundamente, tão longe e tão profundamente que a cada dia eu me admirava mais da terra que, na lembrança, me era tão diferente; a cada dia eu me admirava mais destes homens que na lembrança me pareciam tão diferentes, e que neste momento eu imaginei tão diferentes. Refiro-me à Inglaterra. Lá, curiosamente, este diálogo não foi iniciado por mim. Na verdade, aconteceu que durante o tempo em que estive ausente, em todo caso, nos últimos anos, meus livros, que em parte ainda não haviam chegado à Alemanha, foram traduzidos. E, especialmente na Inglaterra, tive esta experiência singularmente estimulante para mim, de os homens que encontrei me solicitarem discutisse com eles sobre o que me preocupava, sobre estas coisas que me eram mais importantes desde a época lembrada por Hans Trüb. Tais homens assim o faziam com base naquilo que haviam lido nos meus livros e que, como já disse, em parte não era disponível na Alemanha. Desejavam que eu lhes explicasse e completasse o que tinha sido publicado e talvez parecesse, em alguns pontos, demasiadamente conciso; que eu o esclarecesse de algum modo, pois como acontece no diálogo pessoal, neste singular processo em que a pessoa se coloca diante da palavra e através desta presença, como mero locutor, se responsabiliza por esta palavra, quase diria, interpreta algo através desta atitude; assim parece ter acontecido. Eu trago comigo todas estas experiências — e há muito que dizer —; trouxe-as comigo quando vim para a Suíça, terra à qual tenho estado ligado de modo especialmente dialó-

gico. E esta vinda à Suíça, no seio destas experiências relatadas, tem um caráter e um valor especiais para mim, a saber, que pela primeira vez eu tenho de falar novamente com pessoas de língua alemã; e aqui devo, novamente, relatar-lhes algo pessoal.

Durante estes nove anos de minha vida em Jerusalém, não publiquei nada em alemão. Por desejo ou impulso próprios, por minha própria iniciativa, publiquei só em hebraico. Neste idioma editei nove volumes; e, note-se, sinto mais dificuldade em escrever em hebraico do que em alemão. Escrevi, também, no entanto, quase tudo em alemão, aliás por um impulso inexplicável, não porque imaginasse que ainda pudesse publicar em alemão, pois na época isso não parecia possível. Não imaginei que pudesse publicar na Suíça, como aconteceu agora. Acreditava que dificilmente poderia editar novamente em alemão. E, no entanto, tinha necessidade de escrever quase tudo em alemão. Cheguei até a escrever um livro em alemão, antes de escrevê-lo em hebraico, talvez, — o quanto possa imaginar — por causa de um desejo de permanecer naquele intenso contato com a língua alemã, naquela relação amorosa na qual vivera. Não queria, não podia abandoná-la, pois ela, a língua alemã, não me abandonou. E nada do que aconteceu na Alemanha e a partir da Alemanha, a partir de muitas pessoas alemãs — não a partir do povo alemão, pois desconheço este conceito neste contexto — mas a partir de muitas pessoas alemãs nessa época, nada daquilo pode, mal ousa dizê-lo, alterar o meu grande amor pela língua alemã. Uma outra língua, a dos antepassados, aproximou-se dela com seu próprio direito, sem, no entanto, desalojá-la. E esta coincidência surpreendente pelo fato de que justamente nestes dias, para minha admiração, — eu não sabia, mas Hans Trüb sabia — surgiu aqui um livro, cuja publicação eu ignorava, um livro contendo os trabalhos de todo esse período, sobre estes assuntos dialógicos*. O livro recentemente publicado reforça e completa este caráter e este valor especiais do reencontro com pessoas de língua alemã na Suíça. E, quando meu amigo Hans Trüb me solicitou que apresentasse uma dis-

* Trata-se da obra *Dialogisches Leben. Gessamelte philosophische und padagogische Schriften*. (N. do T.).

cussão, ou como se diz, uma palestra, então escolhi por tema, porém com o cunho especial que este tema se apresentou para mim na Palestina — surpreendentemente só no último período — o que denomino *para além do Individualismo e do Coletivismo*.

Tratei este tema, aliás, neste livro, no seu último capítulo. O tema foi expresso nestes termos pela primeira vez para uma edição inglesa da maior parte deste trabalho. Tive de escrever, para esta edição, um capítulo final, ou melhor, procurei reelaborar o capítulo final da última parte do livro, para a pessoa inglesa que mostrou compreendê-lo muito bem, desde a publicação da obra em inglês, há alguns anos. Eu disse à pessoa interessada que desejava rever alguns problemas específicos e então escrevi o último capítulo que permaneceu somente como esboço. Quem ler a obra irá perceber. Tive a intenção de apresentar apenas alguns pontos como para mostrar: “por aqui e por aqui deve-se começar”, “isto deve ser explicado”, “isto não explico ainda”; “isto não posso explicar, satisfatoriamente, mas já posso indicar pistas”; “isto e aquilo são pontos de partida”; “por ali e por ali, eu ou outros devemos começar”*.

Tais os pontos que desejaria apresentar hoje, pela necessidade de avaliar, no diálogo, estas indicações ora expostas e também de experimentar através do diálogo, aquilo que só pelo autêntico diálogo se pode experimentar, a saber: o que reclama explicações, o que deve ser completado, onde e por que pontos se deve iniciar, agora, no face a face com o homem moderno; isso é o mais importante, pois falo para homens que vivem hoje. Não falo a esmo, nem posso fazê-lo. Sempre falo aos homens que vejo ou que tento ver, homens de minha época e deste lugar, desta região. É isso que espero receber dos senhores. E agora quero sugerir-lhes em algumas frases como se apresenta a questão.

Há, como sabem, muitas vezes no mundo, algo particularmente falacioso e funesto, que denomino *falsa alternativa*. Uma falsa alternativa é uma formulação antitética,

* Buber refere-se ao livro *Das Problem des Menschen* (N. do T.).

dualista, para a qual não há uma terceira possibilidade e, portanto, não se pode escolher senão entre duas; como consequência disso, se obscurece a situação vital do homem contemporâneo, na sua dupla dimensão, a espiritual e a fática. Tal alternativa falsa, falaciosa, ilusória é a alternativa entre o individualismo e o coletivismo, que domina o nosso tempo. Não se trata, entretanto, de um terceiro "ismo" que se acrescentaria a estes dois, de modo que a escolha não seria feita entre dois "ismos", mas entre três. Ao contrário, trata-se de mostrar que estes "ismos" são uma ficção e que devem ser confrontados com a realidade, a realidade humana e atual. Afirmando, o individualismo e o coletivismo me parecem constructos fictícios, assim como a opinião denominada "visão de mundo"... Tal conceito não se refere nem a mundo nem a visão; o mundo não é visto aqui; esta assim denominada "visão de mundo" do indivíduo afirma — como os senhores já sabem, creio não precisar dizê-lo — que o essencial, aquilo de que tudo depende, aquilo por cuja vontade existe homem e até mesmo o mundo, que o indivíduo, no sentido humano do termo, é o indivíduo humano. Esta é a realidade das realidades, por cuja vontade existe o ser e desta suposta verdade fundamental resulta a tarefa do homem e do mundo, a saber, tornar-se indivíduo, intensamente e com toda força. Isso me parece fictício, esse indivíduo me parece uma abstração. Uma ficção que se descobre e da qual a gente deve distanciar-se; uma abstração que dissimula sua utilidade por traz desta reflexão, aliás, muito intensamente, mas que, não pode fazê-lo para sempre. Por utilidade, entendo a utilidade de sua exigência em ser a concretude das concretudes.

Como os senhores sabem, este individualismo se tornou questionável em nossa época, pois é atacado de diversos flancos. O principal combate se trava a partir do "coletivo", que parece, aliás, muitas vezes ter assegurado o campo e ser o mais forte. Atualmente isso tem razões complexas, mas tem antes de tudo, creio eu, como fundamento, o fato de o homem, na realidade, não poder mais tolerar o individualismo, não poder mais respirar o ar do individualismo, isto é, o ar, a esfera privada, a atmosfera do depender de si próprio como indivíduo. Ele pretende ser ainda capaz de proceder assim, faz todos os gestos, mas

não é verdade. O fato de não ser verdade, o que se torna cada vez mais evidente, é explorado pelo coletivo que afirma: a realidade não é o indivíduo mas a coletividade, o grande todo social ao qual o homem pertence. Tens razão, o indivíduo é uma abstração da sociedade, isto é, a sociedade é o concreto. Não se pode, de fato, considerar o indivíduo de outro modo a não ser na sociedade, no seu contexto; não se pode realmente viver de outro modo senão na sociedade e através dela. Então, deve-se concluir que se vive também por ela. Vejo também nesta coletividade, nesta sociedade, neste grande todo, nada mais que uma abstração, como tentarei mostrar nesta palestra através dos tópicos que os senhores mesmos irão apontar.

Creio que a sociedade, imensa inter-relação de muitos homens, só é real na medida em que consiste em relações autênticas entre os homens. Por outro lado, creio igualmente que o indivíduo atinge a realidade na medida em que se torna pessoa, isto é, um homem que estabelece relações com outros homens, com outras pessoas. Como pessoa, é responsável por eles e aceita a responsabilidade deles por sua própria pessoa. Ele os confirma como homens existentes e se deixa confirmar por eles como homem existente e sempre se oferece como pilar sobre o qual será construída uma ponte sobre si e sobre seus parceiros momentâneos — ponte eterna que desaba a cada momento, mas que a cada momento se reconstrói novamente.

EU-TU, somente assim o indivíduo se torna pessoa... Que significa pessoa? A pessoa não existe fora disso, e o homem solitário é pessoa devido ao fato de estar ligado deste modo e poder ligar-se novamente, mesmo que engolfado na mais profunda solidão. E isso faz da sociedade uma realidade, a saber: na medida em que ela, a partir destas relações autênticas e imediatas, reúne existências duradouras e passageiras, institucionais e igualmente dinâmicas. É a isso que desejo aludir: "Homem-com-o-homem" é o terceiro elemento. Não mais um "ismo", e sim a realidade humana. Vejo a ascensão do individualismo e do coletivismo, sucessivamente, como o produto de um destino todo peculiar do homem que poderia descrever como o mais difícil e profundo isolamento que até hoje a humanidade experimentou. Vivemos nesta época a mais profunda solidão do homem, isto é, como

uma criança abandonada pelo cosmos, não reconhecida por ele, lançada do alto de uma montanha, incapaz de se ligar, de estabelecer vínculos novamente, incapaz de reencontrar o caminho para a mãe, do qual fala Lao-tse.

Ele se sente solitário como homem, em sua essência de homem, e além deste fato fundamental é solitário como indivíduo no mundo humano. De fato, esta sociedade da qual fala o coletivismo, não é aquela comunidade nativa que envolve o homem e o abriga, protege e ampara, comunidade na qual o homem ainda viveu há alguns séculos e talvez há algumas gerações. A comunidade concreta, a comunidade da montanha, a comunidade religiosa local, a Igreja, não proporcionam isso; a comunidade concreta de fé sim, e onde ainda existe tal comunidade, ela proporciona ao homem... notável vestígio de uma época passada que nunca será suficientemente admirada. E esta experiência fundamental a ser sustentada por uma comunidade que desde o início confirmou alguém como tendo nascido nela, e, assim, a cada contato no seio desta mesma comunidade, a cada encontro na rua entre dois de seus membros, sempre a olhar uns para os outros com familiaridade ou com saudações rápidas, mas significativas, ou sem saudação, com um aceno de cabeças! Basta... ninguém pode ir além disso. Agora vejamos a vida comunitária. Tudo isso não existe mais, ou quase nada. No lugar da comunidade encontra-se a sociedade, a atual sociedade de massa na qual cada um está inserido. Na realidade não se pertence mais a uma posição social, mas a uma classe, como se diz; não mais a uma comunidade concreta, mas a associação trabalhista, a um sindicato, a um partido, em lugar daqueles encontros que hoje permanecem como estranhos anacronismos, onde a planta rara da amizade foi conservada e ainda floresce. Afirimo que todas estas coisas tomaram o lugar daquela ligação vital, daquele laço de vida e, sem dúvida, não podem proporcionar nada daquilo que aquele laço proporcionava.

Neste contexto devem ser entendidos o individualismo e o coletivismo. O individualismo como obstinada procura pelo *amor fati*, como obcecado esforço do homem em considerar-se um indivíduo, em se autoglorificar, em se autocelebrar como indivíduo isolado, e assim adquirir, através da imaginação, uma existência que não pode

ser adquirida desta maneira ou escapar... Escapar para a coletividade que proporciona a alguém, sem dúvida, algo certo, ao livrá-lo da responsabilidade pessoal. Perde-se a responsabilidade. Fica-se livre de si mesmo. O problema: "posso tornar-me pessoa", o terrível problema que alguns, sem pressentir o que uma "pessoa" realmente é, tantas vezes formularam, não se coloca mais. Há um enorme aparato que funciona de modo confiável, que proporciona tudo aquilo de que o homem necessita, vale dizer, este não precisa mais responsabilizar-se nem por si próprio, nem pelo ser, nem pelos entes. Tudo será feito para ele, ele só deve oferecer-se e nada mais. Isto é o oposto, exatamente o antagônico daquela autodoação pessoal da autêntica relação. Ele se entrega, à maneira de uma roda na máquina. A máquina precisa desta roda, esta peça deve entregar-se, sem responsabilidade. Certa vez existiu, se é que existiu, um instante de reflexão, de decisão, quando o homem-peça entrou na máquina, neste lugar. Estas rodas vivas não foram ajustadas, mas entraram; o momento surgiu uma só vez, a liberdade existiu uma só vez, e não mais...

Tais produtos da situação — o primeiro, o *individualismo*, produto da imaginação, o segundo, o *coletivismo*, produto da ilusão, são estes dois "ismos" vistos a partir da situação. Digo ilusão, pois, ao contrário do que existe no individualismo, há no coletivismo algo real, algo terrivelmente real. O indivíduo não é real, ele é isolado da vida. Há um fenômeno, a realidade, sobre o qual a coletividade se baseia, que é utilizado pela coletividade, a saber: aquele fenômeno dinâmico, fortemente dinâmico, às vezes até o limite do real conhecido, que se chama, no sentido mais preciso, não só no sentido sociológico, mas no sentido histórico, "massa". A coletividade não existe, mas a massa existe; às vezes ela é o mais nuclear de todos os fatos históricos. Dela pode-se dizer tudo. A história fornece material para tudo. Aqui também, nem sempre emprego o termo imaginação, mas ilusão; refiro-me a esta construção ilusória da coletividade como realidade imensa e permanente que envolve e sustenta os indivíduos, a grande realidade que não existe.

As massas, às vezes, levam a uma imensa ação histórica, até a ruína, ou a ambas; a coletividade, em virtude de sua própria essência, não leva a lugar nenhum.

Vejam agora este terceiro elemento: — a relação do homem com seu parceiro — de que maneira pode ser considerado como categoria do ser? Se o individualismo assume a categoria do individual, e o coletivismo outra categoria, a da totalidade, o que ocorre com a realidade sobre a qual eu falo e que ora menciono? Tudo o que, no plano do pensamento, já pesquisei indica finalmente que se deve colocar o dedo nesta realidade. Pergunto: através de que categoria se pode compreender ontologicamente o fato fundamental da nossa vida: “homem” — “com-o-homem”? Neste ponto a compreensão se encontra necessariamente em evolução, e, por isso, posso apresentar somente esboços.

Denomino a categoria com uma expressão um tanto audaciosa. Mas não conheço outra. O que quero dizer é o “entre”. Desejo, no entanto, acrescentar algumas palavras indispensáveis para o estabelecimento do assunto.

Nós estamos em um diálogo, como este, digamos, neste momento. Embora neste instante eu seja o único a falar em voz alta, espero que os senhores estejam tomando parte nele todo o tempo, dialogalmente, uma vez que a convenção não permite que outros, a não ser eu, falem em voz alta. Como não estou comprometido com tal convenção, os senhores podem interromper-me. Se alguém deseja analisar e mostrar o que um diálogo realmente é, em que âmbito ele ocorre, a que domínio ele pertence, não encontrará em geral — contanto que os homens queiram pensar sobre isso, o que, amiúde, não é o caso — resposta para isso. Muitas vezes, encontra uma resposta relacionada com os fenômenos físicos do diálogo, isto é, como é falado, como um fenômeno acústico, físico. Outra resposta está relacionada com o aspecto psicológico. Cada um dos parceiros de um diálogo recebe algo com isso, isto é, ele compreende o outro; trata-se de um processo psicológico da alma de um indivíduo. Existe um processo físico e um processo psicológico. Há algo mais?

Peço que reflitam comigo. Estes aspectos expressam realmente algo a respeito do diálogo? Será que o domínio do diálogo é estabelecido de algum modo? O diálogo nos diz respeito por um aspecto ou por outro, ou pela soma dos dois, e assim, a soma de fenômenos acústicos e psico-

lógicos se combinam em cada um de nós? Isso explica a essência deste processo do diálogo? Esta é uma pergunta real, fatural, que eu endereço aos senhores. Há muito não posso mais responder com um sim. E tudo o que se acrescentar aos fatos físicos e psicológicos, ou se acredita acrescentar, do ponto de vista epistemológico, lógico, estético, ou algo assim, não modifica o fato de que quando se trata de elaborar um inventário do fato, da realidade “diálogo”, o que se pode apresentar é algo totalmente inadequado, secundário e parcial; somado tudo, se isso fosse possível, nunca nos seria permitido, nunca nos seria possível reconstruir a essência do diálogo. O diálogo acontece numa esfera que não é nem fática, nem física, nem psicológica, e que é muito difícil de ser determinada. Estou ciente de que estamos somente no limiar da época de pensamento que irá preocupar-se com esta categoria; somos, porém, inapelavelmente impelidos a esta categoria, à compreensão de todo o âmbito de todos os fenômenos que acontecem entre os seres, esta esfera que denomino “entre”. Este diálogo não acontece aqui ou ali, em nenhum de nossos órgãos da fala, em nossos ouvidos, não ocorre sem esses elementos. Ao contrário, o diálogo, como tal, acontece na esfera específica do “entre” que utiliza as circunstâncias espaço-temporais e as inclui.

Expressando isso em termos de “vida”: Homem e “com-o-homem” não podem ser atribuídos a nada mais. Esta categoria é muito importante, na minha opinião.

Não desejo, no entanto, falar mais sobre ela, neste momento. Quero parar por aqui. Todavia, embora esteja encerrando aqui este assunto... Peço-lhes que o assumam, pois, ele se tornou, em última análise um imperativo, predominantemente um imperativo. Repito, tomem este assunto e este imperativo, tanto quanto está em seu poder tão seriamente quanto possível, tão sério quanto ainda são ou tenham sido. Quando isto tiver acontecido, tendo em vista este último ou o penúltimo imperativo, fluindo para ele, advirá, se possível, uma liberação, que era indispensável para se obter algo definido.

Este último tema que devo dizer-lhe é, de novo, algo bem pessoal, mas nesta etapa não há outra maneira

de falar sobre estes assuntos. Não posso liberá-los de minha batalha, especialmente, se todos aqueles que, independentemente de mim, lutaram mais ou menos pela mesma causa, não estão mais vivos, e eu devo realizar sozinho, primeiramente com aqueles que me ajudam, aquilo que deve ser realizado.